

Bem-sucedidas, solteiras e felizes

Elas são inteligentes, bonitas, bem-sucedidas na profissão que escolheram, modernas, felizes e... solteiras. Se há quatro décadas, o "destino" e o ponto clímax da realização da paraibana estava no casamento; nos últimos anos, passamos a viver o que muitos especialistas chamam de "revolução feminina", uma vez que, à medida em que as mulheres começaram a lutar por um espaço próprio na sociedade e no mercado de trabalho, elas também passaram a buscar uma identidade própria, não mais vinculada à figura masculina do pai ou do marido.

Há quem reconheça que o preço a se pagar pela igualdade entre os sexos, pela liberdade e por essa identidade própria, muitas vezes, possa ser caro: a solidão. Mas, a pesquisa "Casamento, sexo e economia", realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e divulgada em 2005, revela: o número de mulheres brasileiras que topam pagar esse preço está aumentando cada vez mais. Nos últimos 30 anos, o percentual de solteiras subiu 3% e, no ranking nacional da "solidão feminina", a Paraíba é o 6º. Estado com o maior número de mulheres sozinhas.

Para a professora universitária e membro da Academia Paraibana de Letras, Ângela Bezerra de Castro, 63, muitas mulheres cultas consideradas "bons partidos" optam pela vida a sós porque não aceitam o modelo de casamento ainda existente e marcado pela repressão e pelo desrespeito à mulher.

"Por serem mais cultas, elas compreendem melhor o mundo e não vão se subordinar a um homem. Elas querem uma relação saudável, de ser humano para ser humano e não de um senhor e uma tutelada. A solidão é cruel e dolorosa e atinge os homens também, pois estamos vivendo um momento de grandes desencontros. Mesmo assim, ao ter uma identidade própria, você passa a existir e a ter um lugar no mundo que foi conquistado por você e isso não tem preço. Além disso, existem pessoas que se iludem ao achar que quem casa não tem momentos de solidão, sendo que a solidão a dois é ainda mais cruel. Ter que suportar alguém que não se ama mais e viver um casamento, em que o marido não é um confidente, é muito pior do que estar consigo mesma", avaliou.

Já a administradora de empresas, Brígida Maria de Araújo, disse que se considera uma pessoa bem-sucedida e feliz e destacou que a palavra solidão "não existe em seu dicionário". Formada em Administração de Empresas, Brígida investiu na carreira, fez cursos de especialização em São Paulo e foi aprovada em concursos públicos. "A mulher não precisa se casar para ser feliz. Se ela trabalha, estuda, é dona de si e procura atingir seus objetivos, o casamento é secundário. Não me casei e não me sinto só, porque só tem solidão quem quer. Sempre consegui conciliar a minha vida afetiva com a profissional. Só me arrependo de não ter tido filhos, mas ainda tenho o sonho de adotar um", disse.

Maior tendência pela vida solitária

Segundo o estudo da FGV, 40,56% da população feminina paraibana não é casada (e aqui estão incluídas, além das solteiras, as mulheres divorciadas, desquitadas e viúvas), sendo que dois dos cinco municípios que apresentam o maior número de "solitárias" (denominação utilizada na pesquisa) que nunca viveram uma relação matrimonial em todo o País são paraibanos. Em Várzea (a 275,2 quilômetros da Capital), 29,77% das mulheres nunca aceitaram colocar a aliança no dedo anelar esquerdo e, em Santana dos Garrotes (a 414,7 quilômetros de João Pessoa), esse percentual é de 28,4%. João Pessoa aparece na 24ª. posição do Estado, com 21,28%.

A pesquisa conclui que há maior tendência comportamental das mulheres pela vida solitária e aponta três determinantes para a solidão feminina: o fato de as mulheres viverem cada vez mais que os homens; a maior preferência das mulheres por homens mais velhos e a maior independência econômica feminina conquistada nos últimos anos. "Considerada apenas as mulheres com mais de 20 anos, a solidão aumentou de 35,5% para 38,4%, entre 1970 e 2000, e fica praticamente estável entre os homens na mesma faixa etária (de 31,3% para 31,6%). A solidão conjugal é mais presente entre a mulher com melhor situação socioeconômica e a chance de se encontrar uma mulher solitária na Capital é 142% maior do que na área rural", registrou o documento. Segundo o IBGE, as mulheres também estão casando mais tarde e o casamento deixou de ser uma instituição "intocável", em que muitas vezes, mulheres e homens se toleravam para manter as aparências. Se antigamente era comum as adolescentes assumirem um casamento antes mesmo de completarem 18 anos, hoje elas estão indo para o altar aos 25,9 anos e, se antes, era inadmissível a separação e o fim do matrimônio, hoje o divórcio é cada vez mais comum, sendo que o tempo entre o casamento e a separação de paraibanos e paraibanas é de 10 anos.

À luz da psicologia

Segundo a psicóloga Hígia Almeida, a mudança de comportamento das mulheres e o fato de elas preferirem, muitas vezes, viver sozinhas a encarar um casamento em que não se sintam respeitadas pode ser encarado como uma mudança positiva, que se deve às mudanças de crenças, valores e educação. Para ela, a mulher de hoje não aceita mais ter uma relação

desigual que ainda busca referências de antigamente. "Elas buscam um homem que seja companheiro e com quem possam construir projetos de vida juntos. Elas não aceitam mais uma relação de obediência. Uma mulher que trabalha e se ocupa consigo mesma, com sua imagem e afeto e com as coisas que julga importante em sua vida, não tem tempo para sentir solidão, carência e infelicidade. Se a mulher se sente bem e valorizada, se tem uma boa auto-estima, ela não vai buscar saciar sua solidão e carência em um parceiro", defendeu.

Alguns resultados da pesquisa "Casamento, sexo e economia", realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV)

"As mulheres sozinhas ganham em média 62% a mais do que as acompanhadas;

"34,72% das mulheres solteiras são mães e as solteiras que nunca viveram uma união têm, em média, 1,47 filhos.

"A chance de se encontrar mulheres solitárias nas Capitais é 142% maior do que na área rural. Nas áreas urbanas grandes (municípios com mais de 100 mil habitantes), a chance é 98% maior do que na área rural

"Os dois determinantes fundamentais da solidão conjugal são: metropolização e renda

Perfil da mulher solteira na Paraíba

3,63% são separadas;

1,46% desquitadas;

1,44% divorciadas;

7,94% solteiras que já viveram uma relação conjugal;

17,83% solteiras que nunca viveram uma relação conjugal;

8,25% são viúvas.

87,41% das mulheres chefes de família estavam sozinhas;

55,87% das mulheres solitárias têm entre 20 e 24 anos, 37% entre 25 e 29 anos e 29,27% entre 30 e 35 anos;

54,62% das solitárias têm de oito a 11 anos de estudo e 48,15% estudaram 12 anos ou mais;

48,54% das mulheres solteiras atuam no setor de serviços;

43,4% vivem em área urbanizada.

"Já tive que escolher entre namoro e estudos"

Dona de um currículo invejável e muito bem-sucedida na carreira acadêmica, a professora universitária de Literatura, Ângela Bezerra de Castro é o exemplo de uma paraibana solteira que encontrou a felicidade em si mesma e em seus projetos de vida. Colecionadora de muitos momentos felizes e importantes - como o dia em que tomou posse na Academia Paraibana de Letras e passou a ocupar a cadeira de número 31, que tem como patrono Epiácio Pessoa -, ela contou que sempre viveu intensamente todas as fases de sua vida, que é uma pessoa bem resolvida e feliz, que já teve que escolher entre o namoro e os estudos e que já foi discriminada por ser solteira.

"Desde criança, recebi uma educação que sempre valorizou o lado profissional e intelectual. Fui criada para ser, primeiro, uma profissional e nunca houve diferença no tratamento dado a mim e ao meu irmão. Meus avós e minha mãe sempre foram pessoas à frente de seu tempo e não eram machistas. Sou da década de 40, época em que a mulher era criada para casar. Todas as minhas amigas tiveram esse destino e algumas se arrependem. Algumas vezes, tive que escolher entre um namoro e os estudos e optei pela vida intelectual. Para sermos completos, temos que ter o lado afetivo - com ou sem casamento - e o profissional para que possamos nos afirmar enquanto pessoas inteligentes e capazes. Ninguém pode ser feliz, alienando-se. Não tenho marido e me sinto muito bem porque tenho muito orgulho de ter personalidade própria e de não precisar de referência masculina para ser reconhecida. Já vivi uma situação desagradável em que um pessoa me chamou de mal-amada por ser solteira. Mas, sei que sou muito mais bem amada do que a mulher que casa com um homem grosseiro e mal-educado", defendeu.

Embora tenha cursado a faculdade de Direito, foi na sala de aula que Ângela encontrou a liberdade para atuar em uma época onde predominava a censura e o autoritarismo pós 1964. Seus ídolos eram os mesmos de sua geração: Paulo Freire e Celso Furtado. Ao longo de sua carreira, exerceu os cargos de superintendente da Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba,

de secretária adjunta da Educação e de subsecretária da Cultura na esfera estadual. Hoje, mesmo aposentada, ela mantém um vida intelectual ativa, continua fazendo crítica literária e é secretária particular da Presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba. "Optei pela sala de aula porque via nela um espaço de liberdade onde podia cumprir um papel político importante de conscientizar. Sou feliz e não me arrependo das escolhas que fiz", lembrou orgulhosa.

Ângela não teve filhos - ao contrário de algumas amigas solteiras que adotaram crianças e puderam viver a maternidade -, mas o fato de ter participado da educação e formação de seus alunos nos 30 anos em que se dedicou ao magistério foi suficiente para lhe garantir o sentimento de realização. Alegre e bem-humorada, ela mostrou a camisa do Brasil que veste nos jogos da Copa e suas maiores paixões: sua coleção de artesanato de gatos, sua gata e sua rede. "Queria que o Brasil fosse tão entusiasmado pela educação como é pelo futebol e pelas escolas de samba. Esse é o meu grande sonho e essa seria a minha grande felicidade", disse.